

Originalmente para: *Comunidades de Leitores em Portugal*, Kosmopolis 04, Fiesta Internacional de la Literatura, *Trobada entre clubs de lectura de ciutats potugueses i Barcelona*, Barcelona, Setembro de 2004

A experiência das Comunidades de Leitores em Portugal

Da literatura à vida, da vida à literatura

António Prole

RESUMO

Esta comunicação analisa e reflecte sobre as Comunidades de Leitores, e perspectiva o seu desenvolvimento futuro. O modelo que adoptámos, e que o subtítulo do artigo reflecte, não era o de promover a análise e a crítica literária, mas de reunir um grupo de pessoas, muito diversas, à volta de um livro, num ambiente intimista e de partilha de afectos, e que a propósito de uma obra, de uma personagem, de um acontecimento, falassem também das suas vivências. Paula Moura Pinheiro afirmou: «religar a literatura à vida, é este o maior mérito das Comunidades», Manuel António Pina diria num tom mais poético: «todos reunidos à volta de um ocasional livro como à volta de uma fogueira comum e acesa». “Devolver” as Comunidades às bibliotecas públicas, assumindo estas a iniciativa da actividade, é para nós uma condição necessária para o seu enraizamento e multiplicação.

As Comunidades de Leitores nascem da própria dinâmica do Programa de Itinerâncias Culturais e, concretamente, no seio de um quadro de discussão mais alargado: a necessidade de incorporar no Programa actividades de sociabilização da leitura como instrumento de uma nova dinâmica de funcionamento das bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. Procurávamos, então, actividades em que os próprios leitores fossem o público-alvo, os destinatários da actividade e, simultaneamente, o agente dinamizador da própria acção, motores do próprio processo. Fazer ouvir a voz da literatura pela voz dos próprios leitores, devolver a biblioteca aos leitores, não como usuários mais ou menos passivos de um serviço, agentes de requisição domiciliária de títulos, mas como agentes pró-activos da sua própria dinamização. Encontrar actividades que respondessem a este desiderato era então o desafio da equipa de promoção da leitura do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Este foi o quadro teórico de referência que sugeriu o aparecimento das Comunidades de Leitores, e de outras actividades de igual tipologia, fora do qual não é possível compreender algumas das suas características mais específicas, algumas das suas deficiências e limitações e dos seus desenvolvimentos futuros. As Comunidades não surgiram por factores meramente casuísticos mas emergem de um quadro de reflexão mais vasto que as determinou.

Abra-se aqui um pequeníssimo parêntesis, por que esse não é o horizonte de reflexão desta comunicação, para acrescentar que, embora sem uma consciência nítida desse facto na altura, as Comunidades foram um primeiro afloramento de um processo de mudança, embora lento e gradual, dos objectivos prioritários do Programa e, conseqüentemente, da tipologia das acções que o constituem: simbolicamente expresso na mudança de designação do Programa que, em 2003, adopta o nome de *Programa de Itinerâncias de Promoção da Leitura*.

A primeira questão que se nos colocou foi: **que modelo desenhar, idealizar, para estas Comunidades de Leitores?**

Fundamentalmente, o que nós queríamos era dar origem, a propósito de leituras comuns, ao encontro regular e informal – numa ambiência de tertúlia à volta de uma mesa de café – entre pessoas das mais diversas formações. Não havia neste propósito nada de verdadeiramente original, muito antes pelo contrário. Tratava-se, finalmente, de actualizar em Portugal algo que o mundo anglo-saxónico conhece há praticamente dois séculos. Na verdade, as comunidades de leitores (*book groups*) nascem nos EUA (Massachusetts) no início do século XIX. Inicialmente só constituídas por mulheres, justificável pelo enquadramento histórico que motivou o seu aparecimento, generalizam-se a partir dos finais da década de 70 desse mesmo século e actualmente existirão nos Estados Unidos mais de 250 000 comunidades recenseadas pela *Association of Book Group Readers and Leaders*. Foi a vasta informação disponibilizada por este fortíssimo movimento de grupos de leitura que nos serviu primeiramente de referência e orientação.

Houve uma ideia que cedo se enraizou e que determinou, em larga medida, as características mais marcantes do modelo que haveríamos de implementar em parceria com as bibliotecas da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. As Comunidades deveriam ser, antes de tudo, comunidades de afectos, lugares de humanidade e “consolação”. Mais do que promover a análise e a crítica literária, esse era o objectivo dos Cursos Breves de Literatura Portuguesa que integravam o Programa de Itinerâncias, pretendia-se que as Comunidades fossem lugares de auto-reflexão: finalmente, como diz Proust, «cada leitor, quando lê, só está a ler sobre si próprio». Idealizávamos as Comunidades como lugares de afectos, elemento (re)criador de elos de sociabilidade, e as estórias que os livros nos contam como o chão comum dessa partilha da vida e da experiência de cada um. «Religar a literatura à vida», a feliz expressão encontrada por Paula Moura Pinheiro, traduz o objectivo essencial que pretendíamos alcançar com as Comunidades e a partir do qual foi desenhado, idealizado, o seu modelo.

Este horizonte de idealidade configurou uma determinada filosofia de Comunidades de Leitores que exigia a adopção de um conjunto de critérios, procedimentos e atitudes facilitadores e indutores de um ambiente íntimo e familiar, factor decisivo, em nossa opinião, para o seu enraizamento. Emergem deste pano de fundo orientações e preocupações com implicações na própria funcionalidade do modelo e a diversos níveis da sua organização: desde a adequação do espaço de acolhimento da Comunidade, transmitindo a ideia de que o espaço e o modo como este se organiza é importante para a criação de um ambiente descontraído e intimista, facilitador do diálogo entre pessoas que, na sua grande maioria, não se conhecem; à existência de uma sessão prévia, uma espécie de sessão de apresentação que antecede o normal funcionamento da Comunidade, e em que cada membro deverá dizer algumas palavras: nome – como gosta de ser conhecido –, o porquê da sua participação, quais os seus hábitos de leitura, que livros mais aprecia, quais as expectativas em relação à Comunidade de Leitores, etc; foi ainda neste contexto que definimos o universo populacional, digamos assim, das Comunidades, estipulando que as mesmas deveriam funcionar idealmente com 12/15 pessoas e que, no máximo, não deveriam ultrapassar os vinte membros: a lógica de funcionamento das Comunidades deveria ser uma lógica de funcionamento em intensidade e não em extensão, a

preocupação primeira não deveria ser cativar o maior número possível de pessoas mas garantir que todos e cada um dos membros do grupo, mesmo as personalidades menos expansivas, encontrassem condições e espaço para uma participação activa e constante.

Todas estas questões, se bem que relevantes, têm uma importância relativa no contexto da organização e bom funcionamento das Comunidades, quando comparadas com a questão essencial que se prende, naturalmente, com o **perfil do líder das Comunidades** e com as **metodologias de orientação das próprias sessões**. O modo como o líder orienta cada uma das sessões e se posiciona face à Comunidade foi, e é, para nós, uma questão da maior importância e à qual reiteradamente regressamos: o êxito do arranque de uma Comunidade depende, em grande medida, da figura que a tutela.

O líder deve ser alguém que conhecendo profundamente a literatura não tenha os vícios de uma atitude professoral; alguém que dominando a análise literária não se perca em longas reflexões académicas; alguém que tendo a autoridade “natural” de um leitor “especial” seja capaz, na Comunidade, de ser também um leitor entre leitores; alguém que sendo capaz de abrir novas perspectivas de leitura, de orientar e marcar o ritmo da Comunidade, não tenha a tentação de monopolizar a palavra mas a preocupação permanente de induzir à intervenção e ao diálogo. Da literatura à vida, da vida à literatura este seria o ciclo ideal de funcionamento de cada uma das sessões. Foi o enfoque neste tipo de perfil que projectávamos para os líderes das Comunidades que nos levou a afastar a hipótese de convidar os professores universitários que conosco colaboravam, e colaboram, no âmbito do Programa de Itinerâncias orientando, nomeadamente, cursos de literatura portuguesa. Mais do que criar comunidades de literatos nós queríamos criar comunidades de afectos, que se constituíssem a partir de leituras partilhadas entre leitores comuns. Para gerir essas comunidades mais do que encontrar especialistas de literatura nós queríamos encontrar “leitores especiais”. E foram esses “leitores especiais” e esses outros leitores comuns, que nos devolveram, desde a primeira hora, como (n)um espelho de aumentar, a afectividade, a intimidade, que nós projectámos para as Comunidades de Leitores quando as idealizámos. Parece-nos importante trazer até vós os testemunhos de alguns daqueles que lideraram e lideram as Comunidades de Leitores em Portugal e que traduzem, melhor que as nossas palavras, o ambiente intimista, de consolação e tão humana partilha que as envolve e que constitui, em grande medida, a chave do seu êxito. Escolhemos três depoimentos que foram produzidos tendo em vista fins muito diversos e escritos em alturas muito diferentes da curta existência das Comunidades no nosso país.

O primeiro desses depoimentos é da responsabilidade do escritor Manuel António Pina e foi publicado na revista *Visão*, onde o mesmo assinava, por essa altura, uma crónica semanal. Manuel António Pina estava a terminar, então, a sua primeira experiência como líder de Comunidades, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett no Porto.

«O que faz pessoas que se desconhecem juntarem-se durante horas a conversar sobre coisas tão inseguras como a memória, a morte ou o tempo, a propósito de um livro que leram? Estudantes, reformados, empregados de comércio, médicos, professores, alguns vindos de longe, falando de si mesmos (porque, de um modo ou doutro, falamos sempre de nós mesmos) a pessoas ainda há momentos completamente desconhecidas e escutando-as, por sua vez, a falar de si, todos reunidos à volta de um ocasional livro como à volta de uma fogueira comum e acesa? Que procuram eles? E que encontram

ou não encontram senão um espaço para o ser, ou para a existência, ou para alguma forma de solidão serena e feliz? (...) O objectivo expresso é a discussão, desformalizada e múltipla como uma amigável conversa de café, de um livro que todos leram, e a partilha descomprometida das leituras de cada um. Quem lê, no entanto, lê-se (...). Talvez então, quem sabe?, todos os que assim lemos, de quinze em quinze dias, um livro em comum (de Herberto Helder, de Borges, de Dostoievski, de Hoffmannsthal...), procuremos afinal algo único e impartilhável: o nosso próprio semovente rosto, ou a fugidia forma dele onde é possível às nossas palavras, e às nossas palavras dos outros, alcançar.(...)».

O excerto seguinte é da autoria da jornalista Maria João Seixas, que nos acompanha nesta aventura desde a primeira hora e foi retirado de um texto que a jornalista resolveu incorporar, a partir de certa altura, no desdobrável de divulgação das Comunidades produzido pelo Instituto.

«Os livros são, também e sobretudo, uma das mais generosas moradas para a minha (e para a humana), necessidade de consolação (permanente e tão difícil de satisfazer!). Sabendo isto dos livros, gosto de os levar comigo até outras portas, partilhar com muitos outros o gosto deste meu gosto – as Comunidades de Leitores são uma sede privilegiada para que essa viagem ocorra. As Comunidades de Leitores são ainda uma excelente ocasião para me reunir com outros leitores e, aí, ter a revelação dos seus rostos, das suas vozes e das suas reflexões; para poder assim conhecer, olhos nos olhos, alguns dos membros da tal “imagem pairante” , que Maria Filomena Molder tão bem caracterizou».

O último dos depoimentos foi recentemente escrito pela jornalista Paula Moura Pinheiro e resulta da troca informal e regular de opiniões entre o Instituto e os líderes das Comunidades. É o texto que, em nossa opinião, melhor traduz o espírito que nós procurámos desde sempre imprimir às Comunidades de Leitores.

«Religar a literatura à vida. É este, segundo a minha experiência, o maior mérito das Comunidades de Leitores. O prazer da partilha das impressões de uma determinada leitura num grupo de pessoas que, à partida, não se conhecem é um passaporte para que novas relações se estabeleçam. E é uma maneira, informal e saborosa, de promover, mais que a reflexão sobre a literatura, a auto-reflexão. E de exercitar a curiosidade, a generosidade e a intimidade. Nas nossas cidades tendencialmente atomizadas, doentes de solidão, as Comunidades de Leitores são, antes de mais, instrumentos promotores de humanidade. Que os livros sejam a chave para estes encontros é uma circunstância feliz».

Mas, finalmente, quem são estes obreiros das Comunidades, estes “leitores especiais” que um pouco por todo o país animam e orientam estes grupos de leitores comuns que se reúnem «à volta de um ocasional livro como à volta de uma fogueira comum e acesa»?

Para entender os critérios que estão subjacentes à escolha das pessoas que, numa primeira fase, iriam gerir as Comunidades torna-se necessário sublinhar o modo como as Comunidades se inauguram em Portugal. Este movimento não emergiu nem de uma qualquer dinâmica da sociedade civil, como aconteceu, por exemplo, nos Estados Unidos, nem por iniciativa dos bibliotecários da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, como aconteceu um pouco por toda a parte em Espanha. Não se tratou se quer de enquadrar e sistematizar uma qualquer iniciativa embrionária, que aqui ou ali estivesse

a despontar, ou de dar corpo e estruturar uma necessidade suficientemente interiorizada pelos bibliotecários da Rede. Isto empresta ao movimento das Comunidades em Portugal algumas das suas características distintivas, que se constituem, simultaneamente, como limitações e obstáculos ao seu enraizamento e desenvolvimento, pese embora o bom acolhimento dos leitores à iniciativa, o entusiasmo dos bibliotecários e o afecto com que a imprensa cultural, e até a generalista, tem acompanhado a iniciativa. Há, aqui, seguramente, como que uma espécie de exterioridade do modelo relativamente ao seu campo de aplicação, uma espécie de idealização do poder central que o “terreno” acolheu e deu corpo. São várias as causas que poderão explicar esta situação, mas a causa fundamental, a causa última, está, em nosso entender, intrinsecamente relacionada com os elevados índices de iliteracia do país, as taxas altíssimas de analfabetismo funcional, a baixíssima percentagem de leitores literários continuados e a consequente desvalorização social do livro. Voltaremos, mais à frente, a esta questão, dado que é aí que reside o nó problemático quanto ao desenvolvimento e enraizamento desta iniciativa.

Tendo em conta este enquadramento, não nos parecia bastante para o êxito da iniciativa que o líder possuísse as características necessárias para actualizar o modelo de funcionamento das Comunidades por nós idealizado, para além de ser, naturalmente, um apaixonado pela leitura, um conhecedor profundo da literatura universal, alguém atento ao mercado editorial e aos movimentos literários emergentes. Era também necessário que o líder fosse uma figura publicamente reconhecida, alguém que pelo seu carisma fosse capaz, de por si, atrair leitores, alguém que servisse de íman aglutinador nesse impulso inicial de implementação das Comunidades.

Foi este conjunto de factores que nos levou a convidar para liderar as Comunidades de Leitores escritores, mais ou menos reconhecidos do público, e jornalistas culturais, também eles, figuras publicamente reconhecidas, pelo menos de um certo público. A integração destes líderes fez-se de um modo lento e gradual mas o princípio de selecção manteve-se, até há pouco tempo, inalterável e sem excepções. É, assim, que colaboram hoje connosco escritores como Inês Pedrosa, Manuel António Pina, Mário Cláudio, entre outros; ou Francisco José Viegas, que sendo escritor é o homem que em Portugal há mais anos, e de uma forma mais ou menos continuada, empresta o seu rosto a programas televisivos de divulgação de livros e autores; Maria João Seixas, responsável nos já longos anos da sua carreira por programas culturais na televisão e na rádio, presença assídua da imprensa portuguesa e que se tornou popular junto do grande público com um célebre programa de entretenimento no canal público da televisão portuguesa; ou Paula Moura Pinheiro, que realizou e apresentou alguns dos melhores programas culturais da televisão portuguesa e que dirige há já alguns anos um programa de divulgação literária na rádio.

Mas estes líderes não só foram fundamentais para viabilizar a implementação e o bom funcionamento das Comunidades, como foram os melhores agentes de divulgação da iniciativa ao fazerem eco do seu entusiasmo, nomeadamente, junto da imprensa portuguesa, quer nas colunas de opinião que assinavam regularmente na imprensa escrita, quer em entrevistas nos diversos órgãos de informação, quer nos programas de rádio e televisão que dirigiam. Por força dessa dinâmica, criou-se, logo na fase de arranque, um clima de curiosidade relativamente às Comunidades de Leitores por parte da imprensa

portuguesa. Não só a imprensa cultural mas também a imprensa generalista se referiu ao assunto, nomeadamente com reportagens e entrevistas junto das Comunidades e do Instituto. Nunca uma iniciativa do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas foi tão noticiada, analisada e, direi mesmo, acarinhada como esta. Há um clima de bondade e afecto relativamente às Comunidades de Leitores por parte da imprensa portuguesa, que tem dado um contributo meritório na sua divulgação. E este clima de bondade e afecto relativamente às Comunidades de Leitores, que prevalece junto dos meios de comunicação – na justa medida em que, no meu país, as questões culturais ocupam a agenda dos jornalistas – foi importante, a vários níveis, quer na divulgação da iniciativa quer no seu desenvolvimento. Pensamos que esta dinâmica de curiosidade da imprensa se deveu, ou foi lançada, em grande medida, pelos líderes das comunidades. Em abono da verdade se diga, que a escolha dos líderes, pelo menos numa primeira fase, teve em consideração a sua proximidade aos órgãos de comunicação social. A questão da “mediatização” da iniciativa foi por nós equacionada na fase de “construção” do modelo e, nomeadamente, quando nos debruçamos sobre a questão do “perfil” do líder. Sendo uma questão secundária no que respeita à escolha do líder, e como tal foi equacionada, reconhecemos que desempenhou, a vários níveis, um papel que não devemos escamotear.

Pensamos não ser possível implementar Comunidades de Leitores sem a figura do líder, seja qual for o seu modelo de funcionamento. O líder é, em certo sentido, o obreiro das Comunidades, o cimento dessa comunidade de afectos. Mas, em Portugal, a questão ganha uma importância acrescida, que se prende com o modo como as Comunidades foram geradas. É ainda muito cedo para se avaliar do sucesso desta iniciativa mas estamos longe de estar perante um movimento enraizado. Temos, no entanto, a convicção, desde a primeira hora, que o sucesso a longo prazo das Comunidades de Leitores depende da nossa capacidade, e quando digo “nossa” refiro-me ao Instituto do Livro, aos bibliotecários e a todos aqueles que conosco colaboram nesta saborosa aventura, em “devolver” as Comunidades às bibliotecas públicas. Isto é, dificilmente ganharemos esta batalha se um número significativo de comunidades não nascerem por iniciativa das próprias bibliotecas públicas e lideradas pelos próprios bibliotecários. Quando tomámos a iniciativa de inaugurar em Portugal as Comunidades de Leitores, quando enveredámos por este modelo e, nomeadamente, por este perfil de líder, fizemo-lo na convicção que esse não era o caminho e o modelo ideal mas o modelo possível e que melhor se harmonizava com a realidade da leitura em Portugal. Nesse sentido, sempre o entendemos como um modelo transitório, um contributo para, a médio prazo, ver surgir em Portugal movimentos de grupos de leitura partilhada emergentes da dinâmica dos bibliotecários e do seu trabalho junto dos leitores. Esse é o nosso horizonte. Nesse contexto, há como que uma dupla lógica na afectação das Comunidades de Leitores às bibliotecas: por um lado, tenta-se disseminar a iniciativa, inaugurando novas Comunidades em outras tantas bibliotecas, por outro lado, enraizá-la, dando continuidade à iniciativa nas bibliotecas em que, após a primeira experiência, e passado o entusiasmo e a expectativa que sempre se criam quando uma Comunidade chega ao fim, se geraram dinâmicas de interacção entre o grupo de leitores e a equipa da biblioteca traduzidos em projectos e há, portanto, sinais que, a médio prazo, a biblioteca está em condições de autonomamente, e com os seus próprios recursos humanos, dirigir as suas próprias Comunidades. Ainda neste

contexto, e regressando de novo à questão dos líderes das Comunidades, em meados de 2003, entendemos estarem criadas as condições para que “leitores comuns”, mas evidentemente capacitados para orientarem uma Comunidade, liderassem Comunidades de Leitores nas bibliotecas públicas onde esta iniciativa já tinha ocorrido pelo menos mais de uma vez. Ana Piedade, professora de História da Arte, juntou-se, em Setembro de 2003, ao grupo de líderes que colabora com o Instituto. Em Janeiro de 2004, José Mendonça, reformado e engenheiro civil de profissão, que tomou parte em várias Comunidades de Leitores promovidas pelo Instituto, lidera a sua primeira Comunidade; já em Outubro, Artur Jorge, professor do ensino secundário, e presença constante da Comunidade de Leitores da Biblioteca Municipal do Porto, liderará, nessa mesma biblioteca, a sua primeira Comunidade de Leitores. As três experiências de Comunidades lideradas por estes leitores comuns, já realizadas, deram indicações muito positivas e mostraram que é possível reunir «à volta de um ocasional livro como à volta de uma fogueira comum e acesa» um grupo de leitores liderado por um “leitor comum”. Também aqui, vamos funcionar num duplo registo: aumentar, como temos feito até aqui, o número de “leitores especiais” que conosco colaboram, seduzindo novos escritores e jornalistas da área da cultura para liderarem as Comunidades de Leitores, e, simultaneamente, aumentar o número de Comunidades lideradas por “leitores comuns”. Estaremos particularmente atentos à possibilidade de captar líderes entre os elementos que participam nas Comunidades de Leitores.

Analisada a questão dos líderes, importa agora saber **que tipo de público têm as Comunidades de Leitores em Portugal.**

Manuel António Pina, na sua crónica na revista *Visão*, ao referir-se aos leitores que tomavam parte na Comunidade da Biblioteca Municipal do Porto, nomeava «estudantes, reformados, empregados de comércio, médicos e professores». É uma boa imagem do tipo de pessoas que participam nas Comunidades de Leitores em Portugal. São pessoas das mais diversas profissões mas com um predomínio claro das profissões liberais, dos quadros técnicos, professores e estudantes universitários, relativamente aos empregados de serviços, aos funcionários não qualificados, aos operários e outras profissões. Relativamente ao grau de ensino predominam naturalmente as pessoas que têm pelo menos o ensino secundário e, quanto ao sexo, embora haja um ligeiríssimo predomínio de mulheres, podemos dizer que os dois sexos estão equitativamente representados. Isto são, evidentemente, indicadores médios, o que não invalida que por razões que se prendem com o contexto sócio-económico da região onde se insere a biblioteca, ou outras, não hajam Comunidades que apresentem desvios relativamente a estes indicadores. Nas Comunidades realizadas na Biblioteca de Almada, há sempre três ou quatro operários, e isto deve-se ao facto da biblioteca estar implantada numa zona operária, ou nas duas Comunidades sobre a Guerra Colonial, que se realizaram em duas bibliotecas distintas, em que só estiveram presentes homens. Neste capítulo, e relativamente ao que conhecemos da realidade espanhola, parece haver em Espanha uma realidade algo distinta, dado o predomínio das mulheres e, em alguns casos, das mulheres donas de casa.

Quanto ao **modelo de organização das Comunidades**, não penso que haja aqui algo de muito distintivo ou particular, o essencial é reunir à volta de um livro, com regularidade e continuidade, um grupo de pessoas. Se os leitores o fazem a propósito de uma obra,

de um autor, de uma época ou de uma temática, é relativamente secundário. Por essa razão sempre entendemos que o modelo organizativo que propunhamos, sendo uma referência orientativa, importante na fase de implementação, seria sempre um modelo em aberto, receptivo aos contributos dos bibliotecários, dos líderes das Comunidades ou da dinâmica do próprio grupo de leitores. No entanto, tirando questões de mero pormenor, as Comunidades têm mantido o modelo estável. Tal facto, podendo abonar em favor da lógica em que as Comunidades foram desenhadas, não é propriamente um sinal positivo. Seria mais reconfortante que o modelo tivesse agora várias versões, era certamente um sinal de vitalidade acrescida do movimento das Comunidades de Leitores em Portugal.

Posto isto, limitar-me-ei, e de um modo telegráfico, a enunciar, sem grandes comentários, as grandes linhas organizativas.

As Comunidades de Leitores em Portugal organizam-se tematicamente – Amor e Transgressão, Guerra Colonial, Masculino/Feminino ou A Morte, são alguns dos temas já abordados em algumas Comunidades – e admitem, unicamente, quanto ao género, a narrativa literária e a poesia.

Cada Comunidade tem a duração aproximada de três meses, reúne-se quinzenalmente, em seis ou sete sessões com a duração aproximada de 2h30m, sempre em horário pós laboral (das 21h às 23h30m é o horário mais comum), o número mínimo de leitores para que a Comunidade se efectue é de dez pessoas, idealmente a Comunidade deve ser constituída por quinze pessoas e desaconselha-se, de todo, que o grupo ultrapasse as vinte pessoas.

Um comentário breve a propósito do número de sessões.

A regra quanto ao número de sessões de uma Comunidade é esta: sempre que se inaugura uma nova Comunidade de Leitores antecede-se o seu normal funcionamento de uma sessão de apresentação, cuja finalidade é, como referimos anteriormente, criar um clima de maior informalidade entre os membros da comunidade e o respectivo líder, conhecer os gostos literários de cada um, as motivações que os levaram a frequentar a Comunidade, etc. No fundo, o que se pretende é estabelecer pontes de diálogo entre os membros do grupo que facilitem o arranque da Comunidade numa ambiência familiar e participativa. Quando se trata de dar continuidade a uma Comunidade já implementada prescinde-se desta sessão de apresentação e adopta-se o modelo das seis sessões.

Em cada uma das seis sessões a Comunidade reunir-se-á à volta de um novo livro, o que significa a leitura de um título todos os quinze dias. Esta metodologia cria, evidentemente, restrições aos líderes no que respeita à selecção das obras, que não poderão ser, naturalmente, muito longas. Embora a maioria das Comunidades funcionem com seis títulos, casos há em que, ou por iniciativa do líder ou pela dinâmica da própria Comunidade, se reduzem o número de obras. No entanto, não há exemplos de Comunidades a funcionar com menos de quatro títulos. As obras seleccionadas são da inteira responsabilidade dos líderes e a única orientação, nesta matéria, é: «escolham as obras que vos apaixonam, ou que vos marcaram particularmente neste ou naquele período da vossa vida, ou ainda aquelas que arrastam atrás de si estórias da vossa intimidade; não escolham obras só por que elas marcaram ou inauguraram um dado período da história da literatura ou são um referente canónico de determinada escola literária». A escolha deve ser, antes de mais,

uma escolha passional, e não literária. A única restrição diz respeito aos líderes/escritores. Nós desejamos que os escritores, enquanto líderes de Comunidades, sejam leitores entre leitores ou...escritores entre escritores. Leitores especiais é certo, com um modo muito particular de se aproximarem do livro, da trama da estória e das suas personagens mas... leitores. Escritores só na justa medida em que «o leitor escreve para que seja possível», como par entre pares desta Comunidade de “Escritores”. Neste contexto, há como que um acordo tácito com os escritores nesta matéria e, na verdade, os líderes/escritores não levam para a Comunidade as suas obras.

Uma última questão: a da **animação das Comunidades de Leitores**. Nós somos defensores daquilo que se poderia designar como um “modelo seco” de funcionamento das Comunidades, pelo menos na fase da sua implementação e enraizamento. O que é que isto realmente significa?

Há uma ideia que atravessa toda esta comunicação: as Comunidades de Leitores são, antes de mais, comunidades de afectos, lugares de partilha, tolerância e “consolação”, momentos de auto-reflexão, “instrumentos promotores de humanidade”. «Que os livros sejam a chave para estes encontros é uma circunstância feliz», como diz Paula Pinheiro, mas não deve fazer deles um mero pretexto para o convívio. Eles devem ser antes, esse elemento mágico que alimenta essa “fogueira acesa e comum” à volta da qual se reúne um grupo de pessoas. O livro e a leitura devem estar sempre no centro da Comunidade. Tememos que a sobreposição de actividades dispersasse os interesses e de algum modo abafasse a voz da literatura. Evidentemente, que é um sinal de vitalidade das Comunidades, como tantas vezes acontece, que os seus elementos, entre duas sessões, desenvolvam, a propósito dos livros que estão a ler, actividades conjuntas, mas fazemos questão de que, por norma, durante cada uma das sessões seja o livro e a leitura, sem mais, que alimentam essa fogueira acesa e comum. Talvez isto explique, em parte, uma das características distintivas das Comunidades de Leitores em Portugal relativamente ao que se passa em algumas regiões espanholas, fazendo fé do que afirmou Blanca Calvo, directora da Biblioteca Pública do Estado, em Guadalajara, num seminário realizado em Espanha sobre Clubes de Leitura: «en las reuniones no se lee en alto (...) sólo se debate sobre lo que se ha leído en casa (...)». Precisamente o contrário do que acontece Portugal, em que a leitura em voz alta é prática constante em todas as sessões.

Finalmente, e no que se refere à viabilização financeira das Comunidades, estas, enquanto parte integrante do Programa de Itinerâncias de Promoção da Leitura, seguem o estipulado para todas as outras actividades e protocolado com as Câmaras Municipais: o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas paga os honorários do líder e a Biblioteca Municipal assegura o transporte e a estada.

Para terminar esta comunicação: **que balanço** fazemos, finalmente, da experiência das Comunidades de Leitores e quais são as **perspectivas para o futuro?**

A vida recente das Comunidades de Leitores em Portugal não permite, em certas matérias, análises muito conclusivas. O entusiasmo genuíno que as Comunidades despertaram, o carinho que as envolve, desenvolveu, em muitos de nós, um certo clima de euforia que desencadeou, aqui ou ali, perspectivas demasiado optimistas e análises que tendem a ignorar os nós problemáticos e as dificuldades estruturais que dificultam a expansão e o enraizamento desta prática. Há problemas intrínsecos ao funcionamento

das Comunidades, o maior dos quais, que não o único, se prende com a resistência dos bibliotecários em tomarem em mãos as Comunidades e há problemas estruturais que se relacionam directamente com os índices de leitura do país. As Comunidades de Leitores não se criam por decreto, nem por força somente do nosso entusiasmo e empenhamento, necessitam de condições objectivas mínimas para se desenvolverem de um modo sustentado. A verdade, é que é difícil com uma base tão alargada de analfabetos funcionais e uma elite tão restrita de leitores literários fazer nascer Comunidades como cogumelos. Acreditamos, sinceramente, na bondade das Comunidades de Leitores, pensamos que elas podem dar um contributo para elevar o nível literário dos nossos leitores, para transformar leitores descontinuados em leitores continuados, mas, ao contrário de outros companheiros portugueses e espanhóis, não acreditamos que elas sejam um instrumento directo de criação de novos públicos leitores. Salvo, se conseguirmos implementar um movimento pujante de Comunidades de Leitores infantis e juvenis, mas aí é de toda uma outra lógica que estamos a falar. Em Espanha, onde o aparecimento dos primeiros clubes de leitura data de há mais de vinte anos, conhecesse-se bem as dificuldades que tal iniciativa comporta. Dizia Blanca Calvo na comunicação já citada, e que pensamos ser datada de 2003, «otra de nuestras inquietudes actuales es el desarrollo de los clubes de lectura infantiles y juveniles, que tienen en las bibliotecas publicas mucho menos vigor que los de adultos».

Dito isto, quero afirmar com toda a clareza e sem a menor hesitação, que fazemos uma análise francamente positiva relativamente às Comunidades de Leitores e que o modo como elas têm decorrido ultrapassou, em muitos aspectos, as nossas melhores expectativas iniciais. Mas todos nós sabemos como é lento o tempo de enraizamento dos hábitos de leitura, é um tempo que se mede em gerações e os “modismos”, não deixando de ser fenómenos sazonais, podem durar cinco, dez, vinte anos. Estamos optimistas relativamente ao desenvolvimento das Comunidades de Leitores, mas o nosso optimismo não deve fazer esquecer, ou minimizar, as dificuldades que temos pela frente, sob pena de se transformar em ingenuidade.

Uma breve sinopse do que foi feito nestes três anos

As duas primeiras Comunidades de Leitores tiveram início em Setembro de 2001 e decorreram na Biblioteca Municipal de Odivelas, cidade satélite de Lisboa e em Portalegre, cidade rural do interior, próxima da Extremadura espanhola. Em 2002 implementamos dez Comunidades, em 2003 doze, em 2004 atingiremos as quinze. Simultaneamente, fomos parceiros da Fundação Casa de Fronteira e Alorna na primeira Comunidade de Leitores organizada por esta Fundação, que a partir daí tem vindo a organizar autonomamente, e com regularidade, outras Comunidades; durante dois anos organizámos em colaboração com a Culturgest, instituição ligada ao grupo Caixa Geral de Depósitos, cinco comunidades de leitores; recentemente, fomos parceiros da Fundação de Serralves, no Porto, na organização da primeira comunidade aí realizada; ensaiámos, a título demonstrativo, uma comunidade numa livraria em Lisboa e uma outra que envolveu, em Grândola, a Biblioteca Municipal e a única livraria existente naquela vila alentejana. Recentemente, a Fundação Calouste Gulbenkian apoiou três projectos, a dois anos, de comunidades de leitores, da responsabilidade de três bibliotecas municipais.

Perspectivas para o futuro próximo?

Pensamos ter condições para em 2005 organizar vinte Comunidades de Leitores, continuaremos, assim, o nosso esforço de dessiminação da iniciativa e, simultaneamente, de apoio ao enraizamento das Comunidades de Leitores já existentes.

Mas o grande desafio para o próximo ano, neste âmbito, será a implementação de Comunidades de Leitores infantis e juvenis, dirigidas à faixa etária dos quinze aos dezoito anos, aí onde se perdem ou ganham muitos dos futuros leitores, e às crianças com idades compreendidas entre os nove e os doze anos. Estas Comunidades de Leitores, que terão uma lógica de funcionamento diferente das existentes, resultam da dinâmica dos projectos de promoção continuada à leitura, a funcionar desde Janeiro deste ano, no quadro do Programa de Itinerâncias de Promoção da Leitura, em quatro zonas do país. O Instituto Português do Livro e das Bibliotecas tem como parceiros neste projecto, o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, oito Bibliotecas Municipais da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e oito Bibliotecas Escolares da Rede de Bibliotecas Escolares. Cumprida a primeira fase do projecto, centrada exclusivamente na formação, e que envolveu, para além dos técnicos das bibliotecas públicas, cerca de trinta professores em cada um dos quatro pólos, segue-se a fase de desenvolvimento de projectos concretos, actualizando no terreno a formação previamente recebida. Vão estar envolvidas neste projecto cerca de cento e cinquenta crianças por pólo e é no contexto da planificação destas acções que vão emergir as Comunidades de Leitores.

Realizaremos, provavelmente na primeira metade do próximo ano, o primeiro Encontro das Comunidades de Leitores. Iremos analisar e debater, de uma forma alargada, com os bibliotecários já envolvidos no processo, com os líderes e os elementos mais activos das Comunidades, toda a problemática das Comunidades de Leitores.

As Comunidades de Leitores em Portugal ainda vivem muito fechadas sobre si mesmo, não têm nem instrumentos nem espaços de diálogo: não se conhecem, de todo, entre si. Durante o próximo ano, parte do nosso esforço será canalizado para encontrar formas de diálogo entre as comunidades, não só institucionalizando os encontros regulares entre Comunidades como criando instrumentos virtuais que permitam uma interacção constante entre os membros das várias Comunidades de Leitores.

Continuaremos em 2005 a trabalhar com entusiasmo, tentando dar um contributo acrescido para o fortalecimento das Comunidades de Leitores em Portugal.

Estou certo que levaremos da Catalunha contributos que nos vão permitir ultrapassar, com mais facilidade, a difícil e aliciante tarefa que temos pela frente. Tudo faremos para que a troca de experiências que aqui decorre abra as portas para um diálogo regular com as companheiras e os companheiros da Catalunha, não só no que respeita às Comunidades de Leitores mas relativamente a toda a problemática da promoção da leitura.